1290000175
TCC/UNICAMP B32v
FE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CLECIOS VINICIUS BATISTA E SILVA

VIRTUDES NO TEMPLO MILITAR:
A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

CAMPINAS
2002

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CLECIOS VINICIUS BATISTA E SILVA

VIRTUDES NO TEMPLO MILITAR:
A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda.

CAMPINAS

2002

UNICAMP BIBLIOTECA

FE
TCC - UNICAMP
B32v
175
124/2003
X
11,00
03/11/03
Bib = 308102

Catalogação na Publicação elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

B32i

Batista e Silva, Clecios Vinícius
Virtudes no Templo Militar : A Academia Militar das Agulhas Negras / Clecios Vinícius Batista e Silva. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador : Carlos Eduardo Albuquerque Miranda.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1.Educação visual. 2. Educação militar. 3. Virtudes. 4. Educação. 5. Memória. I. Miranda, Carlos Eduardo Albuquerque. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

02-0188-BFE

Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda
Orientador

Prof. Dr. Milton José de Almeida
Segundo Leitor

Aos meus pais,
Gilberto e Márcia e
Às minhas irmãs,
Ana G. e Kel,
dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

AO CARLOS,
Pela amizade, carinho e dedicação incondicionais.
Tê-lo como orientador é um dos maiores privilégios de minha vida.

AO MILTON,
Pelas imagens, sonhos e sentimentos.

AOS OLHEIROS NOTURNOS,
Pelo inestimável partilhar.

CARMINHA, CAROLINA, HELOÍSA, ANA ALMEIDA E VERA,
História, Memória, Sociologia e Carinho.

JEFERSON E ÁLVARO,
Tenentes do Exército Brasileiro, inspiram este trabalho.

CLARA,
Pela ousadia de ir à AMAN conosco.

JIMMY E ÁUREA,
Pelas valorosas recomendações de leitura.

À DANI,
Tudo. Sempre.

AO DU,
Pela amizade incondicional.
Por permitir a sobrevivência na aridez intelectual e ética do quase vazio.

UIRAM, PEDRO, WILLIAM E ADOLPH,
Pela amizade e engenhosa inventividade.

AOS AMIGOS E AMIGAS,
Por tornarem-me mais humano, todos os dias.

SHAKESPEARE,
Sem o qual eu simplesmente não existiria.
Um dia ousarei escrever sobre você.

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar aspectos do Programa Educacional e Visual da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), situada no município de Resende (RJ).

A AMAN é a instituição em que são formados os aspirantes a oficial do Quadro de Oficiais do Exército Brasileiro, nas Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações, bem como os oficiais do Serviço de Intendência e do Quadro de Material Bélico.

O estudo é realizado a partir das alegorias e imagens agentes (pinturas, vitrais, esculturas, uniformes, arquitetura e mobiliário) que tomam parte na educação dos cadetes, uma educação que é modelar e exemplar, uma educação pelas Virtudes Militares.

IMAGENS

AMAN

Imagem 01. Maquete do Conjunto Principal da AMAN, 1941. p.12
Imagem 02. Coronel José Pessoa Cavalcante de Albuquerque. p.13
Imagem 03. Corredor Interno – Lateral do Pátio de Formação. p.14
Imagem 04. Salão do Rancho (salão original). p.15
Imagem 05. Cadetes da AMAN trajando o Uniforme Histórico. p.16
Imagem 06. Cerimônia de Formatura. Juramento p.17
Imagem 07. Cerimônia de Formatura. Pátio p.18
Imagem 08. Aspirantes atravessam o Portão Monumental p.19

FORMAÇÃO DO OFICIAL

Imagem 09. Vitrais da Câmara do Guerreiro. p.21
Imagem 10. Vitrais Superiores da Câmara do Guerreiro. p.22
Imagem 11. Vitrais Inferiores da Câmara do Guerreiro. p.23
Imagem 12. Minerva Guerreira. p.24
Imagem 13. Acanto. p.25
Imagem 14. Cadete da AMAN apresenta armas aos antepassados virtuosos. p.26
Imagem 15. Guararapes. p.27
Imagem 16. Fronteiras Guarnecidas. p.28
Imagem 17. Lutas Platinas. p.28
Imagem 18. Lutas pela Independência. p.28
Imagem 19. Academia Real, 1810. Napion. p.29
Imagem 20. Epopéia de Dourados. p.29
Imagem 21. Guerra contra Oribe e Rosas. p.29
Imagem 22. Heróis da Guerra da Tríplice Aliança. p.30
Imagem 23. General Osório. p.30
Imagem 24. Caxias. p.30
Imagem 25. General Serveriano e Coronel Moniz Aragão. p.31
Imagem 26. Marechal Bittencourt. p.31

Imagem 27. Marechal Deodoro e a Proclamação da República. p.31
Imagem 28. Marechal Trompowsky. p.32
Imagem 29. Aviação do Exército. Kirk. p.32
Imagem 30. Olavo Bilac. p.32
Imagem 31. Voluntários de Manobras. p.33
Imagem 32. Missão Indígena. p.33
Imagem 33. Missão Militar Francesa. p.33
Imagem 34. Marechal Rondon. p.34
Imagem 35. Coronel José Pessoa C. de Albuquerque e Raul Pena Firme. p.34
Imagem 36. FEB na Segunda Guerra Mundial. p.34
Imagem 37. Marechal Mascarenhas de Morais e Frei Orlando. p.35
Imagem 38. Pára-quedismo Militar e Aviação Militar. p.35
Imagem 39. Corpo Feminino e Mulheres nos Colégios Militares. p.35
Imagem 40. Missões no Exterior, os Capacetes Azuis. p.36
Imagem 41. Exército do Terceiro Milênio. p.36
Imagem 42. Fiéis Soldados. p.37

AMAN

IMAGEM 01. VISÃO FRONTAL DA MAQUETE DO CONJUNTO PRINCIPAL DA AMAN, 1941.

IMAGEM 02. CORONEL JOSÉ PESSOA C. DE ALBUQUERQUE, CRIADOR E IDEALIZADOR DA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS.

IMAGEM 03. CORREDOR INTERNO – LATERAL DO PÁTIO

IMAGEM 04. SALÃO DO RANCHO (SALÃO ORIGINAL).

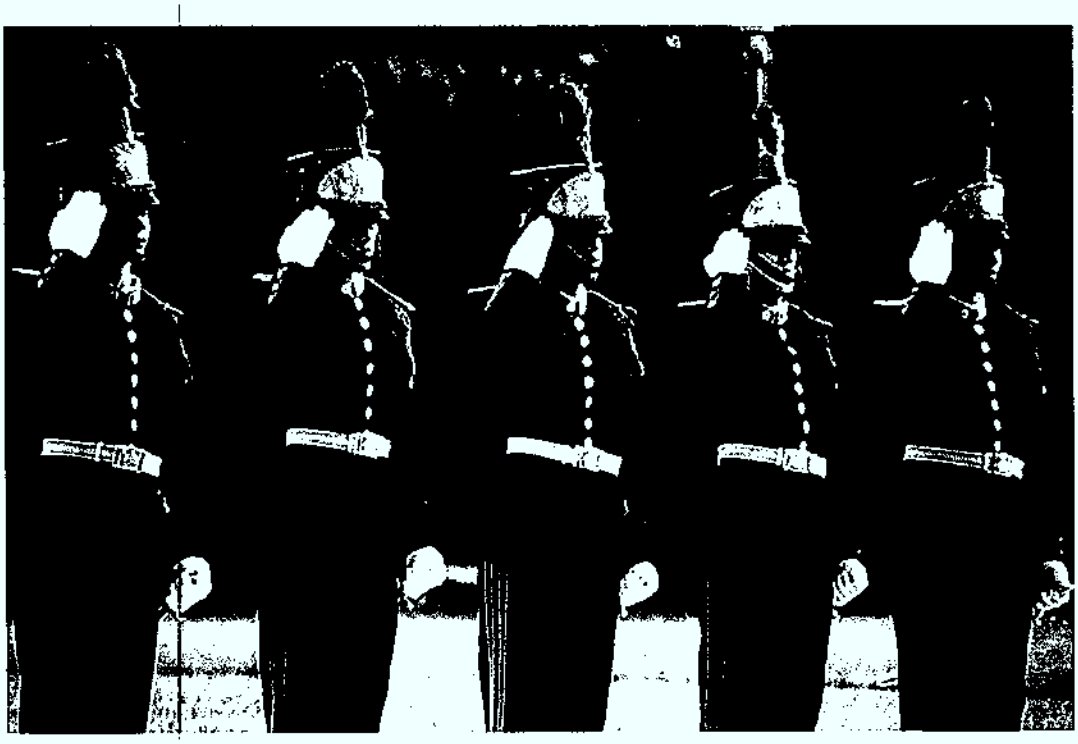

IMAGEM 05. CADETES DA AMAN TRAJANDO O UNIFORME HISTÓRICO

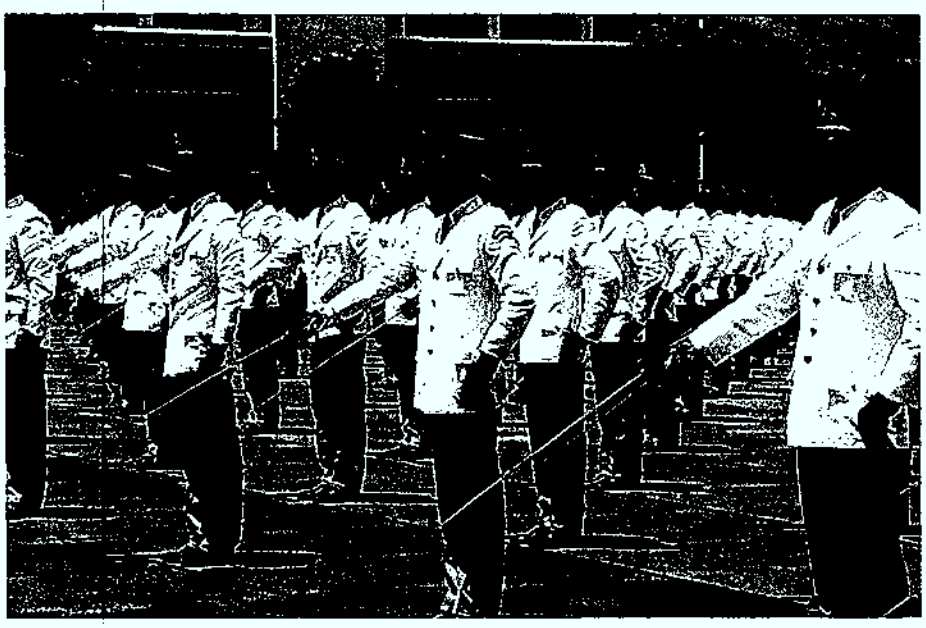

IMAGEM 06. CERIMÔNIA DE FORMATURA. JURAMENTO

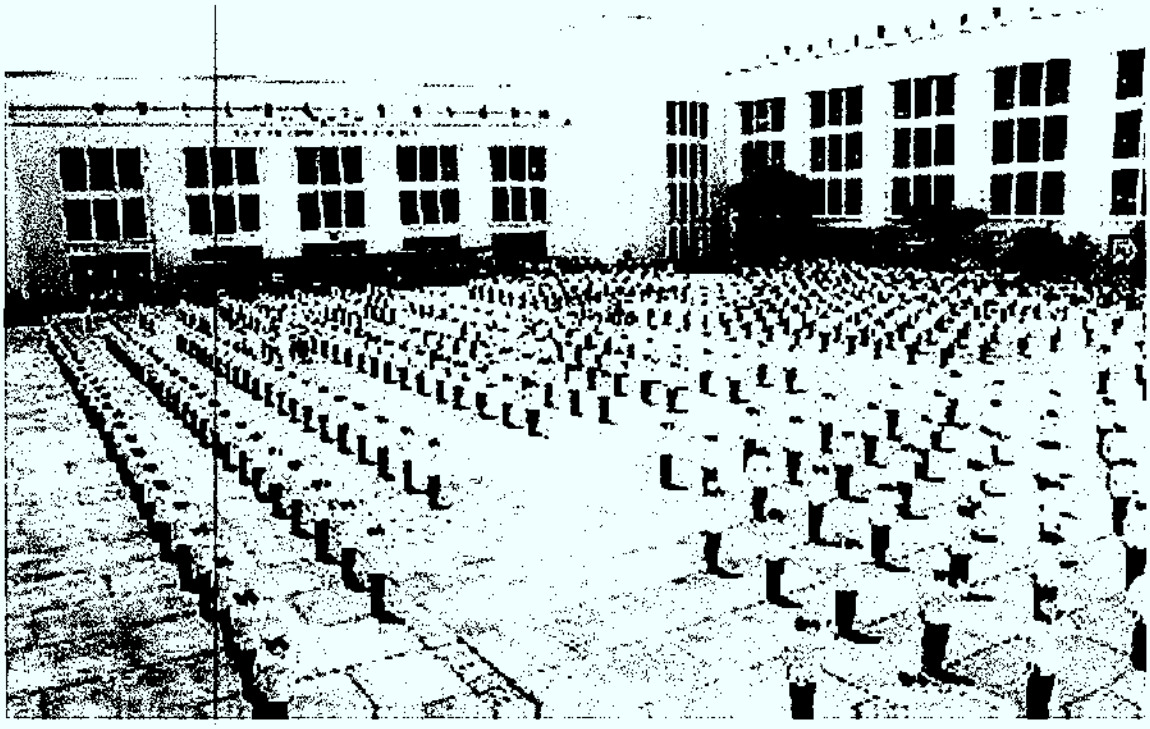

IMAGEM 07. CERIMÔNIA DE FORMATURA. PÁTIO

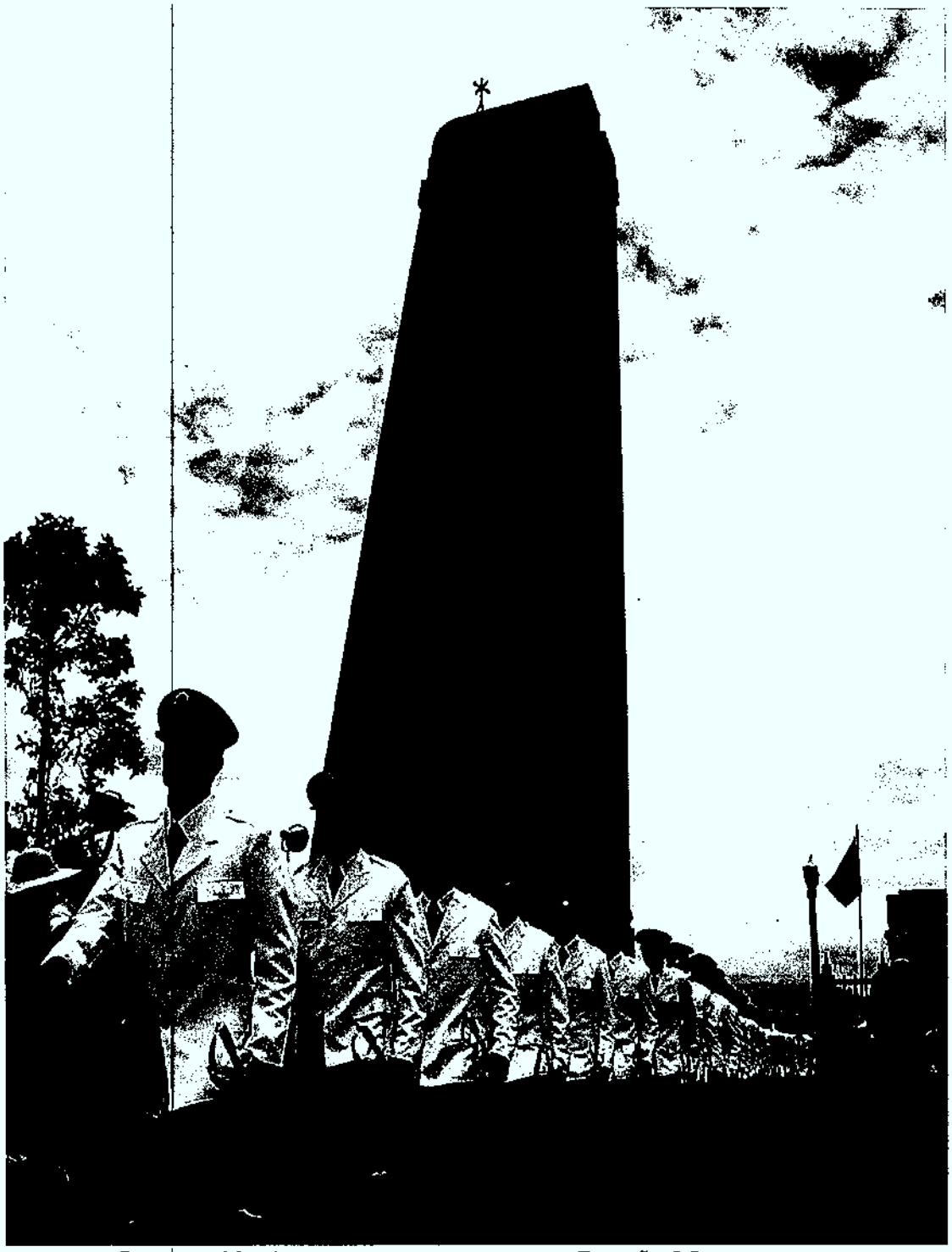

IMAGEM 08. ASPIRANTES ATRAVESSAM O PORTÃO MONUMENTAL

FORMAÇÃO DO OFICIAL

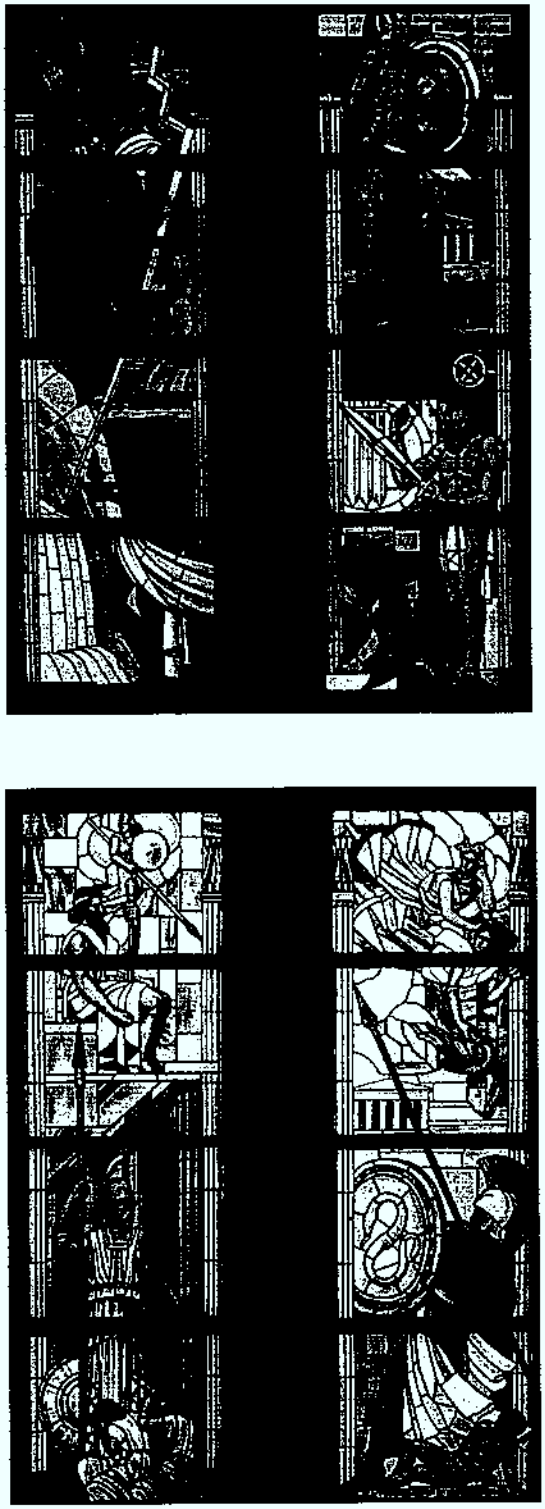

IMAGEM 09. VITRAIS DA CÂMARA DO GUERREIRO.

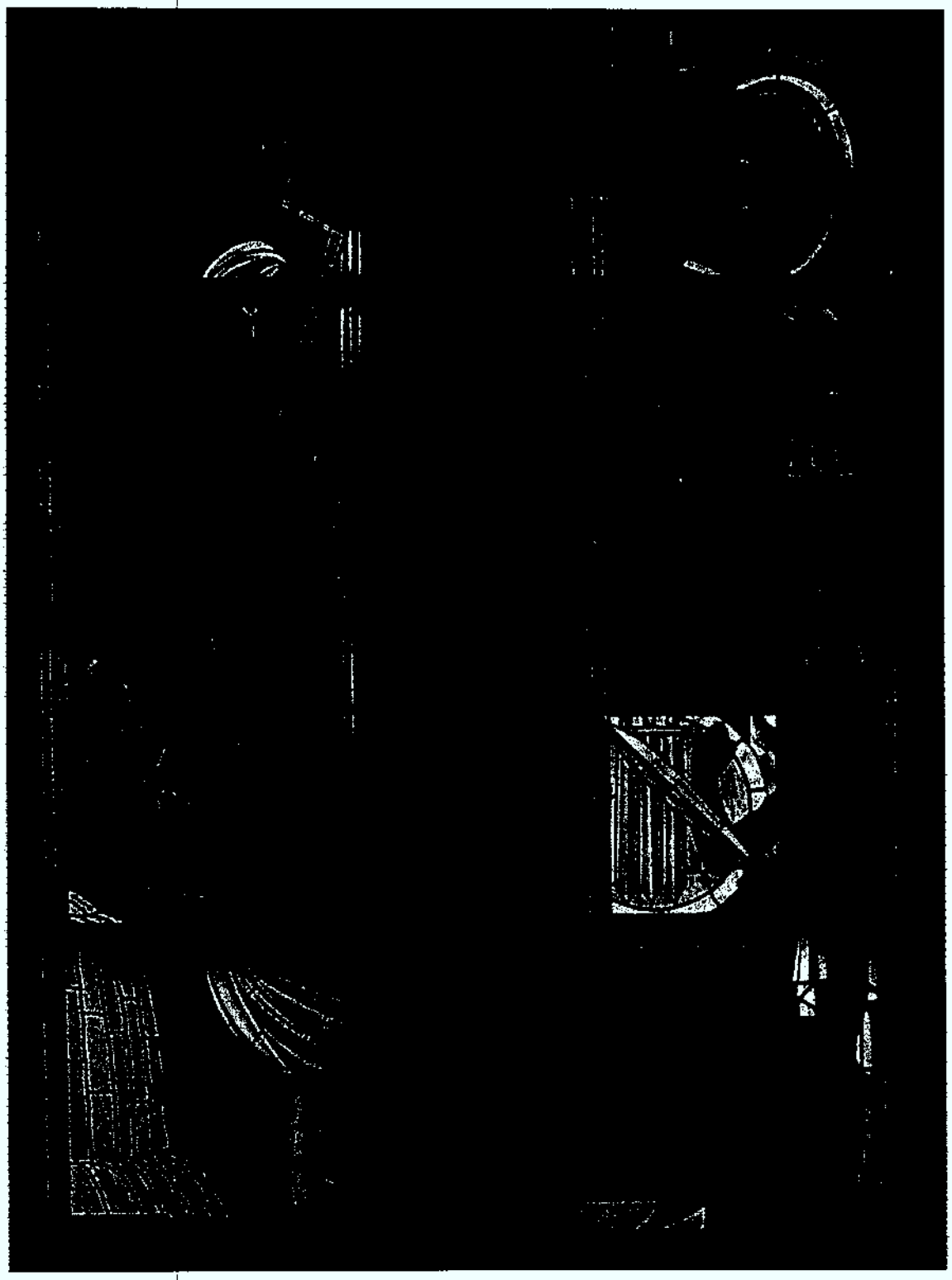

IMAGEM 10. VITRAIS SUPERIORES DA CÂMARA DO GUERREIRO.

IMAGEM 11. VITRAIS INFERIORES DA CÂMARA DO GUERREIRO.

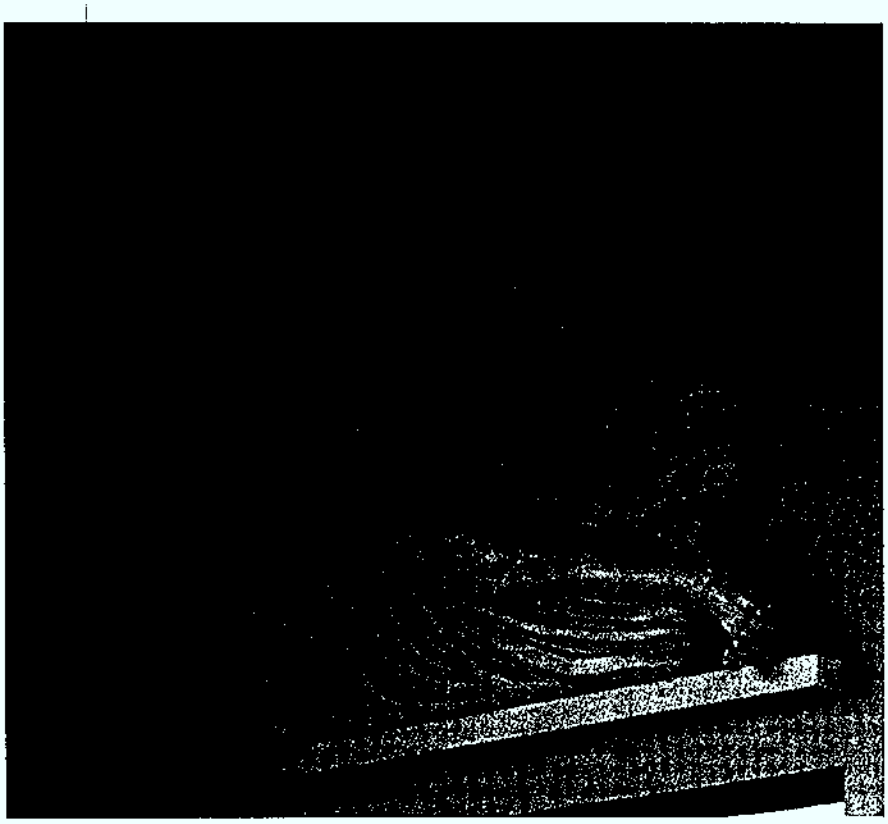

IMAGEM 12. MINERVA GUERREIRA.

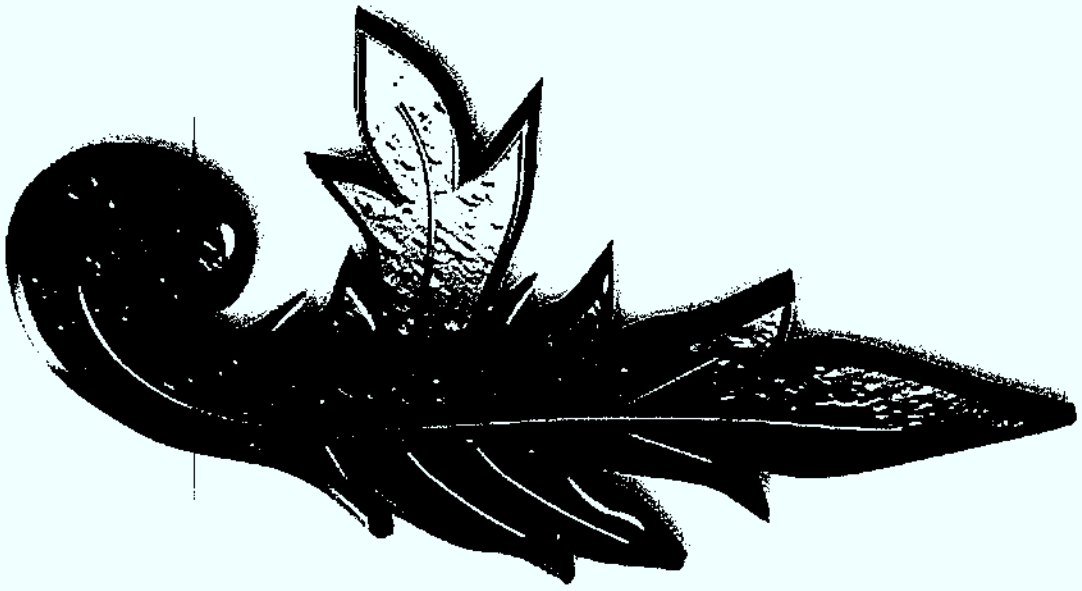

IMAGEM 13. ACANTO. SÍMBOLO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA.

IMAGEM 14. CADETE DA AMAN APRESENTA ARMAS AOS ANTEPASSADOS VIRTUOSOS.

IMAGEM 15. GUARARAPES.

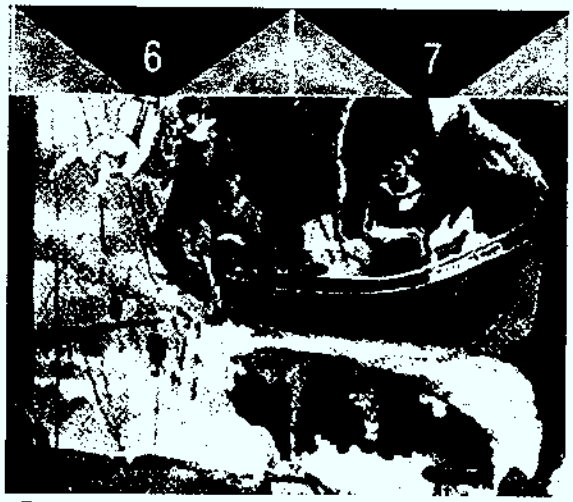

IMAGEM 16. FRONTEIRAS GUARNECIDAS.

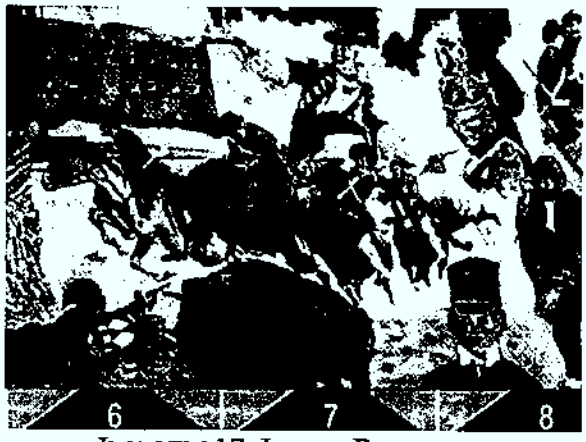

IMAGEM 17. LUTAS PLATINAS.

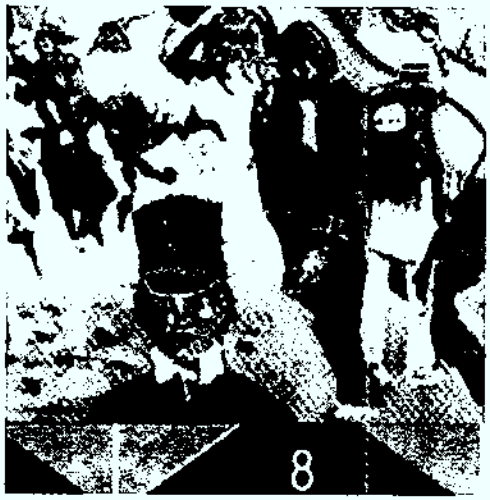

IMAGEM 18. LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA.

IMAGEM 19. ACADEMIA REAL, 1810. NAPION.

IMAGEM 20. EPOPÉIA DE DOURADOS.

IMAGEM 21. GUERRA CONTRA ORIBE E ROSAS.

IMAGEM 28. MARECHAL TROMPOWSKY.

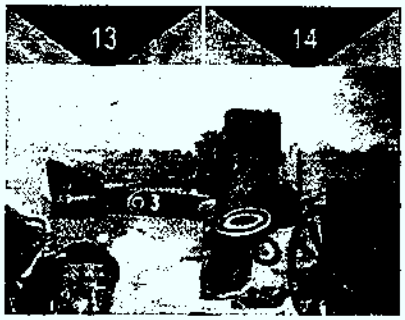

IMAGEM 29. AVIAÇÃO DO EXÉRCITO. KIRK.

IMAGEM 30. OLAVO BILAC.

IMAGEM 22. HERÓIS DA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA.

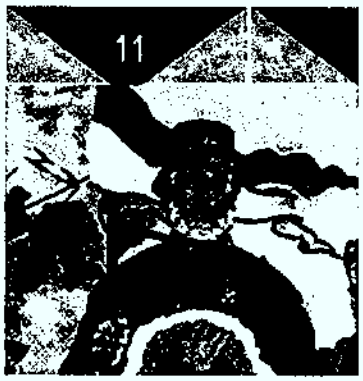

IMAGEM 23. GENERAL OSÓRIO

IMAGEM 24. CAXIAS.

IMAGEM 25. GENERAL SERVERIANO E CORONEL MONIZ ARAGÃO.

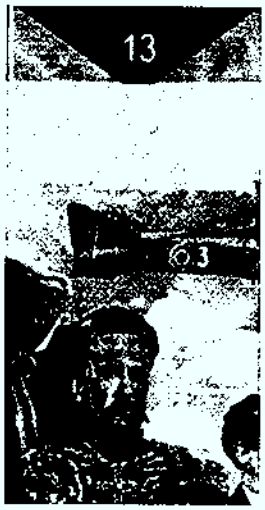

IMAGEM 26. MARECHAL BITTENCOURT.

IMAGEM 27. MARECHAL DEODORO E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA.

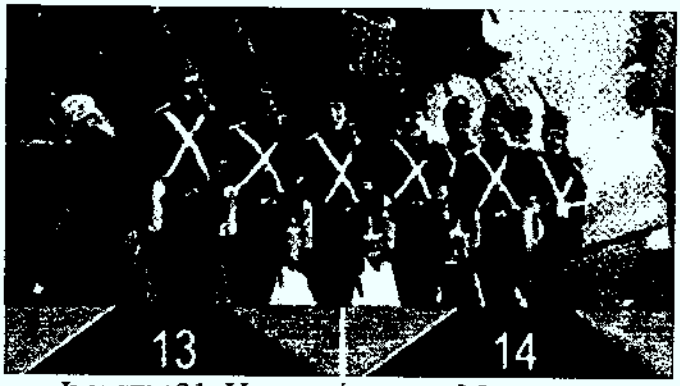

IMAGEM 31. VOLUNTÁRIOS DE MANOBRAS.

IMAGEM 32. MISSÃO INDÍGENA.

IMAGEM 33. MISSÃO MILITAR FRANCESA.

IMAGEM 34. MARECHAL RONDON.

IMAGEM 35. CORONEL JOSÉ PESSOA C. DE ALBUQUERQUE E RAUL PENA FIRME.

CRIAÇÃO DA AMAN

IMAGEM 36. FEB NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

IMAGEM 37. MARECHAL MASCARENHAS DE MORAIS E FREI ORLANDO.

IMAGEM 38. PÁRA-QUEDISMO MILITAR E AVIAÇÃO MILITAR.

IMAGEM 39. CORPO FEMININO E MULHERES NOS COLÉGIOS MILITARES.

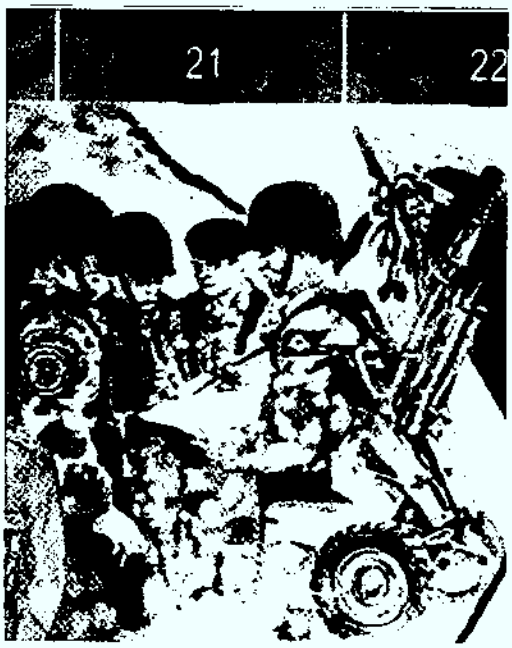

IMAGEM 40. MISSÕES NO EXTERIOR, OS CAPACETES AZUIS.

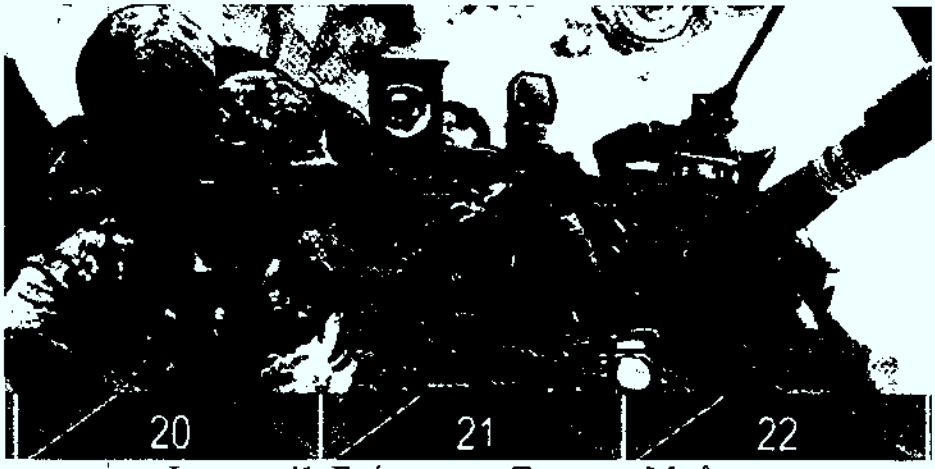

IMAGEM 41. EXÉRCITO DO TERCEIRO MILÊNIO.

IMAGEM 42. "FIÉIS SOLDADOS" , ÓLEO SOBRE TELA

CORONEL DE CAVALARIA PEDRO PAULO CANTALICE ESTIGARRIBIA

12,44 M X 2,04 M

" [...] Há momentos
em que os homens são donos de seus fados.
Não é dos astros, caro Bruto, a culpa,
mas de nós mesmos, se nos rebaixamos
ao papel de instrumentos. Bruto e César!
Que pode haver nessa palavra "César",
para soar melhor que vosso nome?
Escrevei-os a par; tão belo é o vosso
como o dele, não menos . Pronunciai-os:
tanto um como outro assenta bem na boca.
Pesai-os; equilibram-se. Valei-vos
deles para esconjuros; é certeza
que "Bruto" fará vir qualquer espírito
com a mesma rapidez que o fará "César".
Em nome, pois, dos deuses em conjunto,
Dizei-me de que pratos nosso César
se alimentou para ficar tão grande?
Tempo, estais conspurcado! Já perdeste,
Roma, a semente de teu nobre sangue!"
Cássio, em Júlio César
(William Shakespeare)

INCURSÃO NOTURNA

Ainda é noite. Alta madrugada. Brisa fria.

Tento dormir novamente. Esforço inútil.

Resignado, levanto-me.

[Olhos entreabertos, pouco a vontade com a luz que vem do corredor]

Caminho lentamente. Um passo. Outro.

Mal passada a porta, deparo-me com um sentinela armado.

Arma apontada.

Ouço o engatilhar.

Breve, metálico, sem hesitação.

Surpresa. Susto.

Um "boa noite", bastante cordato.

O que estou fazendo aqui?

Ao voltar do toalete, o sentinela ainda está lá: mesmo lugar, mesma posição.

Quase - a arma não mais empunhada.

Um diálogo protocolar. Breve, vago, distante, como convém aos diálogos protocolares, admiravelmente capazes de suprimir boa parte do incômodo provocado pelo silêncio. Palavras não ditas.

Após rápidas recomendações, a autorização.

Passe-livre.

Começo a caminhar pela AMAN.

Terreno desconhecido, sozinho, quatro da manhã.

Instigante.

Saio da ala que ocupávamos no primeiro andar do conjunto mais antigo de alojamentos. Uma sucessão de corredores, sentinelas e olhares indagadores.

Luzes difusas; talvez mais difusas graças aos olhos recém-despertos.

Ruídos. Reatores das lâmpadas fluorescentes. Insetos.

Passos ... até onde posso ouvir, apenas os meus, quase cadenciados, em um mundo não desperto, quase monocromático.

Lá fora, neblina.

Dentro, o cinza: corredores, piso, paredes, concreto, esquadrias, metais - uma miríade de tons plúmbeos. Teto na cor gelo.

Camisetas e toalhas penduradas eram exceção. Uma exceção verde-oliva.

Impessoalidade.

Uma atmosfera de opressão ao privado.

Linhas, formas, mobiliário - tudo muito simples, rústico até.

Espartano.

Rudemente rústico, diriam alguns.

Extremamente funcional, replicariam outros.

Tudo muito militar.

Imagem. Memória.

Prossigo, em direção ao térreo.

Um enorme pátio.

Portas fechadas: Meia-volta.

Decido subir uma escada lateral, escondida, quase eclipsada por vasos e sombras.

Um canto com lajotas vermelho-tijolo.

Ao subir, a surpresa:

Mármore. Um mar de mármore. Corredores sem fim.

Ainda sóbrio, ainda militar, mas os ambientes ganham solenidade. O som de meus passos tem seu eco ampliado. Ecos como os que ouvimos em templos religiosos.

Escolho o menos sombrio dos corredores. À direita, amplas janelas que permitem observar o pátio. À esquerda, um enorme salão, pé direito imponente. Colunas. Mármore.

Percebo estar em um mezanino, entre o pátio, no exterior, e o salão.

Lugares reunião.

Lugares celebração.

Lugares solenes .

Mesas e cadeiras no salão. Mobiliário sóbrio, madeira escura.

Dezenas e dezenas de mesas circulares.

Em todas [as que posso divisar], onze cadeiras, invariavelmente.

Que motivação cabalística teria conduzido a esta escolha peculiar?

Das colunas, quase à altura do teto, inúmeras bandeiras.

Tento reconhecer símbolos, mesmo à pouca luz. Nada.

Observo. Reparo. Imagino. Olho.

Perdido em um labirinto de devaneios, deixo de perceber o tempo.

Luz. Alguma luz. Lá fora, pálida luz.

Retomo a rota-corredor, que é caminho. Um percorrer possível.

Rumo sem rumo.

Tolo ... em um templo, todos os caminhos são intencionais.

Fim de curso. As linhas retas são substituídas por escadas delicadas, em ambiente ainda mais solene, de mármore mais nobre. Linhas curvas. Bandeiras. Subo. Portas imensas, em madeira escura.

Trancadas.

Desço. Um local mais escuro.

Portas imensas.

Um nicho. Vitrais. Pinturas que não posso enxergar.

Viro para o outro lado. "Auditório Geisel".

Culpem a placa, ou seus artífices.

Trancado. Oculto. Nebuloso. Sombrio.

Inacessível. Censurado.

Voz. Susto. Medo.

Um sentinela, guardando o "Geisel".

Decido encurtar o passeio. Por agora.

A CÂMARA DO GUERREIRO E AS IMAGENS ROMANAS

"De fato, quem não estiver devidamente preparado não saberá avaliar, em toda a medida, o que significa para um Exército a sua Escola Militar. Tê-la é tudo, porque é ter oficiais bem formados, sem o que não há Exército verdadeiramente eficiente, inda que ocorram todas as outras condições: número, equipamento, bravura. Podemos dizer, sem exagero: primeiro a Escola Militar, depois o resto. Mesmo porque o resto - Estado-Maior, organização, equipamento, reservas, evolução técnica - tudo isso virá infalivelmente do oficial bem formado, será, por assim dizer, um desdobramento. Sustar-se-á tudo num Exército, adiar-se-ão todas as exigências, menos quanto à Escola Militar. Pelo contrário, a cada sacrifício, a cada restrição em qualquer setor, deve corresponder um acréscimo no aprendizado dos cadetes, como garantia de recuperação futura, no instante oportuno ou crítico"
(PEREGRINO, 1967: pp. 87-8)

Passado o Portão Monumental, atravessado o Campo de Marte, você se aproxima do Conjunto Principal de edifícios da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), construção de linhas sóbrias, domínio das formas retangulares, do regrado e do regular.

Você está entrando no templo sagrado do Exército Brasileiro, lugar de formação de toda a oficialidade[1] - e será lembrado disso o tempo todo, em inúmeros flagrantes de deferência, profunda deferência.

Proponho um caminhar pelo Conjunto Principal - umas poucas horas – um passar que percorra, interrogue e contemple *imagens agentes*: esculturas, vitrais, quadros, painéis, cadetes, uniformes, espadas e espadins. Imagens impactantes que também são imagens da cultura de massa – fortes, pouco sutis, nem sempre belas; ainda assim, fantásticas.

Entramos.

Passada a sala da guarda, você percebe, à esquerda, um recuo, como que formando uma pequena câmara, uma ante-sala incrustada no saguão de entrada.

Curiosamente, a passagem pela câmara é caminho obrigatório, quer decida continuar pelo térreo, quer deseje subir as escadas.

Uma câmara sem lugar para sentar; feita para se estar em pé.

Olhando para o fundo da câmara, você vê quatro vitrais (imagem 09, p.21).

Imagens de luz, como são todas as imagens, mas estas ganham uma peculiar tridimensionalidade. Vidros coloridos filtram a luz. A luz produz e reproduz imagens e texturas no piso de mármore, nas paredes, em seu corpo, nos seus olhos.

A Câmara, escura, é iluminada apenas por este cone de luz, miríade de cores, que brota dos vitrais. Uma obra-luz em primeira pessoa. Bordas douradas.

Um nicho de contemplação, um lugar de Educação Visual, como tão bem explicita Almeida, ao referir-se à Capela Scrovegni , em sua obra "Cinema : A Arte da Memória".

> *"Estamos frente a uma educação visual cuja configuração estética é uma configuração política e religiosa. Uma forma complexa e ao mesmo tempo simples de um viver cultural e social permeado de representações visuais em que a percepção - ver a pintura, identificar com anteriores e imaginação - ligar uma cena à outra e ao assunto e, ao mesmo tempo, imaginar os elementos arquitetônicos entendendo as proporções (e as desproporções) e as pessoas e coisas pintadas [...] para poder percebê-los como uma história sagrada. Estamos dentro de um processo de educação cultural da*

[1] A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) é a instituição responsável pela formação do quadro de oficiais da ativa do Exército Brasileiro, em correspondência e equivalência aos cursos de graduação que nos são mais familiares.

inteligência visual. Uma arte que, em forma plástica, dá visibilidade estética a um momento social, político, religioso." (ALMEIDA, 1999: p.27).

Podemos imaginar estes vitrais como o início de uma narrativa. Uma narrativa em imagens, que se apresenta aos visitantes e moradores da AMAN, lembrando que cadetes, oficiais e funcionários vivem na própria AMAN ou, quando muito afastados, no caso das duas últimas categorias, na Vila Militar contígua, uma extensão da Academia.

Você, espectador, pode escolher outros caminhos narrativos. Não posso forçá-lo a aceitar o caminho que escolhi, mesmo se quisesse fazê-lo.

Nunca teria a pretensão de dizê-lo único, uno, verdadeiro. Não seria honesto.

Acredito, entretanto, que este é o início da narração imaginada pelos responsáveis pela concepção da Academia, e pelos que posteriormente os sucederam, acrescentando imagens-capítulos à mesma.

É importante destacar, ainda quanto à narração em imagens:

"Vimos [...] os conselhos de diversos autores, sobre a utilização de locais e imagens, figuras humanas e outros seres, imagens fortes, extraordinárias, belas, grotescas. Figuras que devem, portanto, serem ativas, dramáticas, inesquecíveis. Encenam um drama visual. Suas particularidades e originais aparências serão estímulos para que o espectador [..] seja afetado por elas. Essas figuras o conduzirão ao seu mundo interior. Povoarão seus conflitos. Darão conselhos, darão pavor, darão conforto, indicarão o caminho. Com seu caráter extraordinário, substituirão e fundir-se-ão com imagens anteriores. Inesquecíveis, habitarão a alma do espectador [...]" (ALMEIDA, 1999: p.56).

Nos vitrais, alegorias das virtudes.

Um necessário *intermezzo*:

O que é uma virtude?

Diz Comte-Sponville:

"É uma força que age, ou que pode agir. Assim a virtude de uma planta ou de um remédio, que é tratar, de uma faca, que é cortar, ou de um homem, que é querer e agir humanamente. Esses exemplos, que vêm dos gregos, dizem suficientemente o essencial: virtude é poder, mas poder específico [...] a virtude do homem não é a do tigre ou a da cobra. A virtude de um ser é o que constitui o seu valor, em outras palavras, a sua excelência própria: a boa faca é a que corta bem, o bom remédio é o que cura bem, o bom veneno é o que mata bem... [...] nesse primeiro sentido, que é o mais geral, as virtudes são independentes do uso que dela se faz [...] A faca não tem menos virtude na mão do assassino do que na do cozinheiro [...] Virtude é poder, e o poder basta à virtude." (COMTE-SPONVILLE, 1999, pp. 7-8).

Ser e agir humanamente; o *bem agir* – Para Aristóteles e Montaigne, a virtude é um dos constituintes do humano – podemos dizer, inclusive, que a virtude é uma *exigência cultural* (COMTE-SPONVILLE): um esforço do ser humano para agir a partir de um

conjunto de valores. Virtudes que existem para combater vícios, fraquezas a que se contrapõem – se não houvesse vícios, não seria necessária a existência de virtudes.

Considerando a profunda codificação da vida militar, um grupo social com o qual nunca havia travado contato, considerei importante aprofundar-me no significado das virtudes para os militares.

Como esperado, confluências e dissonâncias. Todas, reveladoras.

Vejamos a apresentação do livro "Das Virtudes Militares", de autoria do coronel Pedro Schirmer, à qual transcrevo na íntegra:

> *"As Forças Armadas só podem cumprir com proficiência a sua missão se os seus integrantes estiverem convenientemente adestrados. Belonaves não se movem, baionetas não esgrimem, fuzis não atiram e aeronaves não atuam, se atrás destes artefatos não estiver o homem - representado por um soldado adestrado.*
> *Ao adestramento técnico do soldado é preciso adir atributos de ordem moral e espiritual, para o desempenho pleno de sua missão.*
> *Os valores morais são, pois, imprescindíveis a uma Força Armada, cuja coesão institucional e capacidade profissional não podem ser sólidas se eles forem carentes ou mesmo duvidosos.*
> *Daí decorre que esses valores morais são causa e ao mesmo tempo conseqüência da prática diuturna das virtudes militares que o soldado deve exercitar.*
> *As virtudes militares - sim, elas existem! - e estão muitas vezes, intimamente relacionadas com as virtudes praticadas pelo cidadão que não enverga farda.*
> *As virtudes militares mostradas, através da Educação Moral, aos recém-chegados à caserna, não atingem a profundidade desejada se o futuro soldado não trouxer do berço, isto é, da ambiência familiar, os fundamentos de uma formação moral rígida.*
> *Sabendo-se que a Instituição Armada se fundamenta na solidez do caráter de seus homens, que constituem a sua espinha dorsal - representada pelos quadros - é de capital importância, imperativo até, que o recrutamento deles se faça em fontes onde fluam os modelos de sadios princípios morais, porque é isto - e tão-somente isto - o desejado na caserna.*
> *Ao realizar este trabalho, tivemos em mente destiná-lo, principalmente, aos jovens que se iniciam no ofício castrense, a quem procuramos transmitir os ensinamentos colhidos ao longo da carreira, fruto de vivências próprias e de lições dos velhos e virtuosos mestres, a quem rendemos um preito de gratidão.*
> *Todas as virtudes descritas estão ilustradas com um fato real tirado do nosso passado histórico. Não foi difícil coletá-los, pois a História Militar do Brasil é exuberante em feitos e em fatos guerreiros, possuindo páginas maravilhosas escritas com as mais belas e multicores tintas do heroísmo e do dever militar.*
> *Os heróis que citamos e reverenciamos são apenas alguns dentre os muitos que compõem a legião de devotados servidores das nossas Forças Armadas. Heróis que perpetuaram seus nomes no pedestal da História, com ações meritórias em entreveros vividos nos campos de batalha e na dura luta do dia-a-dia da caserna.*
> *Cultuar a memória desses heróis que nos legaram tão valiosos tesouros de civismo, verdadeiras lições de virtudes, é dever de todo o soldado brasileiro, pois não há Força Armada que sobreviva sem o culto a seus heróis, legítimos êmulos forjados na constância do serviço, a espargir exemplos fecundos para as gerações vindouras.*
> *Aos leitores deste trabalho, futuros chefes e condutores de nossas invictas e imaculadas Forças Armadas, temos um pedido a fazer:*
> *Mantende acesa a chama do espírito de militança e dai-lhe continuidade! Ele deve prosseguir atuando através da solicitude e de decisões firmes, por toda parte e ad aeternum, pois será isso uma importante parcela do tradicional e indestrutível espírito guia dos militares brasileiros.*
> *Nós vos exortamos a praticardes com esmerado carinho as virtudes militares que aqui são mostradas. Com isso sereis um exemplo às gerações que vos sucederão; sereis engrandecidos e engrandecereis as nossas Forças Armadas!*

Aprimorai-vos enquanto vossos corações se fortalecem, para que o vosso caráter se purifique e enrijeça!
Companheiros! Marinheiros de Tamandaré, Soldados de Caxias e Aeronautas de Eduardo Gomes! Nós vos saudamos como honrados e intimoratos combatentes da Pátria Brasileira!" (SCHIRMER, 1987)

Mas voltemos aos vitrais:

Nos vitrais superiores (imagem 10, p.22) , menos iluminados, dado o ângulo com que a luz incide no conjunto de vitrais, você pode ver, à esquerda, Prometeu acorrentado, penalidade imposta por ter dado o fogo, potencial inventivo, aos homens.

O homem constrói, transforma, modifica: cria. Ao fundo, uma embarcação.

Um raio, o próprio Zeus (Júpiter, para os romanos) - força e poder supremo dos deuses, vitoriosos em sua luta frente aos titãs - domina o vitral, em que o titã aprisionado e a mulher, esta com veste sacerdotal, mostram-se indefesos.

A sacerdotisa, olhar constrito, porta o fogo, delito titânico, mas o segura em uma pequena pira cerimonial cerâmica. Trata-se, portanto, do fogo dominado, à serviço dos deuses, e não do fogo inventivo, fogo-rebelião.

Júpiter-Raio, manifestação divina inclemente, é clara advertência daquilo que os deuses exigem: lealdade, obediência e subordinação. Júpiter-Raio é também ameaça: provoque a ira dos deuses (por traição, desobediência e insubordinação) e será punido, talvez fulminado. Prometeu, eternamente acorrentado, é memória da punição divina.

Encontramos, nesse vitral, alegorias das virtudes. Mais especificamente, podemos ver alegorias para três virtudes militares: **lealdade, obediência e subordinação**. (cf. Schirmer).

A lealdade ocupa lugar destacado dentre as virtudes militares, mencionada explicitamente em códigos de conduta diversos.

"desconhece fronteiras entre postos e graduações. É sinônimo de boa fé e crença inexorável depositadas em confiança nos chefes, nos pares e nos subordinados. Sua presença se faz sentir na bonança da paz e na tormenta da guerra. [...] é fidelidade vivificada e prestada não somente aos companheiros, mas também aos compromissos assumidos com a Força Armada, a partir do instante em que o soldado jura "dedicar-se inteiramente ao serviço da Pátria " . [...] É a satisfação de um compromisso assumido, não podendo haver quebra do juramento proferido, nem violação da boa fé de quem depositou confiança no seu semelhante [...] é honra que não pode, sob nenhum pretexto, ser profanada, sob pena de irremediável degradação moral [...] É sinônimo de ratificação do juramento prestado, que se demonstra no dia-a-dia, em todos os atos de serviço ou não, dentro e fora do quartel".(SCHIRMER, 1987: p.24).

Já a obediência e a subordinação são consideradas "filhas da disciplina", pois, para os militares, a disciplina é zeladora de todas as virtudes. Onde há disciplina, as virtudes florescem. O caos e a desordem, como percebidos pelos militares, são, portanto, inibidores

da virtude, de todas as virtudes, pois, como argumentam, se é verdade que as virtudes trazem ordem ao mundo, é também verdade que não podem existir em meio à desordem.

> *"A obediência é um preceito natural do homem, cujas primeiras manifestações surgem no regaço do lar [...] é a espinha dorsal da disciplina e expressão concreta da autoridade. Constitui o dever máximo de todos os integrantes de uma força armada em relação ao superior hierárquico, dentro dos atos de serviço e das atividades militares [...] Com ela evita-se a anarquia e a insubordinação, duas chagas capazes de fazerem ruir as bases em que se sustentam a hierarquia e a disciplina."* (SCHIRMER, 1987: pp. 27-8).

> *"A subordinação é um sentimento íntimo, que brota do fundo da alma de um ser vivente, em consonância com os ditames da consciência do homem [...] é a submissão natural ao superior de maior grau hierárquico."* (SCHIRMER, 1987: p.38).

Vale dizer que isso não significa obediência cega. A Prudência (virtude cardinal) recomenda cuidado ao avaliar, refletir e agir. Os militares dizem que a subordinação e a obediência não podem curvar-se à prepotência (e ao casuísmo, permito-me acrescentar). Do contrário, esses vícios transformariam tais virtudes em vergonha.

Mas mencionamos a Prudência, virtude cardinal. O cuidado ao avaliar, refletir e agir é o que faz com que *virtudes-potência* possam tornar-se, de fato, *ações virtuosas*. Estará a prudência, portanto, presente em toda a nossa narrativa. Convém que a conheçamos mais de perto.

> *"De que se trata? De uma virtude intelectual [...] pelo fato de haver-se com o verdadeiro, com o conhecimento, com a razão: a prudência é a disposição que permite deliberar corretamente sobre o que é bom ou mau para o homem [...] e agir em conseqüência, como convier. É o que poderíamos chamar de bom senso, mas que estaria a serviço de uma boa vontade. Ou de inteligência, mas que seria virtuosa. É nisso que a prudência condiciona todas as outras virtudes, nenhuma, sem ela, saberia o que se deve fazer, nem como chegar ao fim (o bem) que ela visa. [...] A prudência tem algo de modesto ou instrumental; ela se põe a serviço de fins que não são os seus e só se preocupa com a escolha dos meios. Mas é isso que a torna insubstituível"* (COMTE-SPONVILLE, 1999, pp. 38-9).

Tendo tais considerações em mente e alma, passemos ao segundo vitral (imagem 10, p.22): nele você pode ver Hefestos (Vulcano), deus-forjador, o criador das armas dos deuses, até mesmo dos mortíferos raios de Júpiter, trabalhando em sua oficina. Vulcano contempla atenciosamente sua mais recente criação - uma espada.

Uma espada especial, visto que, ao fundo, observamos três outras, e essa difere das demais. A quem cabe tão preciosa arma, que se destaca até mesmo dentre as armas do forjador dos deuses?

Vulcano, ele próprio, parece satisfeito com seu trabalho: olha-o atentamente, cuidadosamente. Uma obra realmente admirável, que exigiu toda a sua arte e poder, o apogeu de sua habilidade.

Acima, um guerreiro. O guerreiro - um e ao mesmo tempo todos, pois é o guerreiro modelar. O virtuoso. Como sabemos? Repare a espada, olhe-a atentamente. É a espada fabricada por Vulcano. Tamanha é a virtuosidade do guerreiro, que a espada foi alquimicamente transmutada. Da prata ao ouro, pelo virtuoso.

O Guerreiro Virtuoso, figura imponente da Câmara do Guerreiro. Força, resistência, agilidade - atributos físicos sublimados à perfeição. Um destacado Senhor da Guerra - biga nobre, cavalos altivos.

Enxergamos os atributos físicos do guerreiro, mas não é só isso que podemos ver. Implicitamente, a memória evoca outras virtudes: **coragem, vontade e tenacidade**.

São, talvez, as virtudes mais próximas da ação. No linguajar militar, *são virtudes vibrantes*:

> *"Coragem é romper os grilhões da passividade que abrigam os apáticos e os medíocres; [...] é repelir o medo de comprometer-se por receio de ver afastados do horizonte objetivos a serem conquistados pela cumplicidade sem glória e sem valor. Os fracos não se comprometem, é certo."* (SCHIRMER, 1987: p.44).

> *"Vontade é sinônimo de energia, de disposição, de dinamismo e de determinação, para vencer o desânimo, as indecisões, os temores e os eventuais desfalecimentos que afetam o moral do soldado; é a força ou a faculdade da alma em se opor ao marasmo ou ao corpo extenuado, para o cumprimento do dever."* (SCHIRMER,1987: p.50).

A tenacidade,

> *"É a catapulta que arroja o soldado no rumo das ações heróicas e revela em sua máxima amplitude o valor pessoal do combatente [...] é tônico que vivifica a conduta do soldado [...] tônico do idealismo e da perseverança, na busca dos objetivos que se aproximem da perfeição".* (SCHIRMER, 1987: pp. 56-7).

Passos. Eco. Vozes.

Interrompo a contemplação. Nesse momento, dois homens aproximam-se da câmara. Um oficial capitão e um cadete do primeiro ano, afirmam, de pronto, seus uniformes.

Curiosamente você ouve a conversa de ambos:

> " ... e Vulcano forja a Espada de Caxias"

O Guerreiro Virtuoso, na narrativa da Academia, é também um personagem singular. Caxias, personagem símbolo do Exército, Patrono da Instituição, que uma vez, enquanto carne, chamou-se Luis Alves de Lima, tendo vivido entre 1803 e 1880. Inigualável na virtude de acumular feitos virtuosos, diz a História do Exército Brasileiro.

Não surpreende, de fato, que o personagem "Guerreiro Virtuoso" do vitral seja o personagem "Patrono do Exército", a despeito, digamos, da pouca semelhança física com o Caxias-carne, pois isso não importa. Não surpreende, mas, ainda assim, revela, desnuda essa Educação Visual; uma Educação das Virtudes, pelas Virtudes e para as Virtudes. Uma Educação Modelar - e não são todas as diversas formas e modalidades de Educação, cada uma a seu modo, modelares?

Será essa uma afirmação suportável, pedagogicamente tolerável?

Resposta incômoda: a Pedagogia, enquanto campo de conhecimento, procura negar que a *práxis educativa* é modelar e moral – não bastasse, evita travar essa discussão.

Olhemos os dois últimos vitrais (imagem 11, p.23). Conjuntamente, é o que proponho, pois os personagens de ambos cruzam olhares para além dos limites físicos de seus pequenos universos vítreos, conclamando ações de e no seu universo vizinho.

À esquerda, Júpiter em seu trono, em aparente indiferença ao conjunto de ações que diante dele desenrolam-se. Mas não nos iludamos, pois Ele é o governante, atestam o cetro e o trono.

Uma batalha está sendo travada. Elevada, no extremo superior do vitral esquerdo, Hera (Juno) ou Eris (Discórdia) - difícil dizer ao certo, pois são deusas de ira quase sempre incontida - ameaça uma cidade, situada no vitral à direita.

Duas habitantes, suplicantes, figuras que são lamento, temor e desolação postam-se diante de Atena (Minerva), rogando ajuda.

A deusa da sabedoria e da estratégia militar, lança empunhada, olha complacentemente; a mão esquerda solicita calma e paciência. Ao mesmo tempo (e isso só é possível às imagens fantásticas, divinas ou não), olha para o vitral à direita, solicitando ação.

À direita, duas Graças, em complementaridade e dualidade diagonal com as suplicantes, olham para Júpiter, perplexas, talvez, diante de sua inação aparente.

Abaixo, o Guerreiro Virtuoso (Caxias, como querem os instrutores da AMAN), lança erguida, escudo preparado (certamente outros presentes de Vulcano), defende a cidade, personificada por um cidadão indefeso, que pode ser todos os cidadãos da Pátria.

Caxias é, assim, o enviado por Júpiter, sua resposta às suplicantes, vítimas de uma ira divina que julga desmedida (talvez por dele não se originar).

Interessante dizer que esses vitrais evocam outras virtudes, não ligadas ao vigor, se essa for a palavra mais apropriada.

O guerreiro Virtuoso deve se preocupar com os indefesos. Deve defender sua Pátria - deve ter **compaixão** - senão pelo inimigo, ao menos para com os seus. Deve preocupar-se com a **justiça**, deve ser justo.

Uma nota: a compaixão está ausente na obra do coronel Schirmer - não está incluída entre suas virtudes (as virtudes listadas em sua obra, esclareço). Algo a ser pensado e sentido. Está presente na narrativa da Academia. Para Rousseau, a compaixão é a primeira entre as virtudes.

Nas palavras de Comte-Sponville:

> *"Carecer totalmente de compaixão é ser inumano, e somente um homem pode sê-lo"* (COMTE-SPONVILLE, 1999: p.123).

Já quanto à justiça, diz Schirmer:

> *"A justiça deve estar presente em todos os momentos, tanto na paz como na guerra; é aplicada até para os inimigos, quando então não deve ceder lugar à vingança. A sua ausência gera ressentimentos e causa vítimas, que sofrem um verdadeiro ataque moral, com dor muito maior do que a dor de uma agressão física, pois que não afeta a matéria, mas sim a alma de um vivente, além de o injustiçado acabar por transmitir as seqüelas de sua dor ou mágoa ao derredor de si e com isso atingir a toda uma coletividade"* (SCHIRMER, 1987: p.68).

Você sai da Câmara do Guerreiro. Antes de caminhar até o refeitório, decide dar uma pequena olhadela no Pátio. Nos corredores que formam um U, que delimitam o pátio. Imensas arandelas rememoram antigos lampiões. De um corredor lateral, observa a grandeza de suas proporções. Nas laterais, passam cadetes, sozinhos ou em duplas.

Nada de extraordinariamente peculiar. Meia-volta.

E aí você vê, no corredor por onde acabou de passar, uma escultura, um quase alto-relevo incrustado na parede, acima do pórtico (imagem 12, p.24).

Minerva-Guerreira. Alva. Forte. Firme. Escudo e lança. Túnica ao vento.

A deusa da sabedoria e da estratégia militar. Deusa dual, que evoca uma virtude dual: a **iniciativa.**

> *"É saber como atuar para explorar uma oportunidade [...] é o encontro da solução imediata para um problema decorrente de uma ação imprevista. [...] É conhecida universalmente, nos meios militares, a profética sentença de que "mais vale uma decisão razoável em tempo útil do que uma decisão brilhante tomada tardiamente"."* (SCHIRMER, 1987: pp. 47-8).

Quase no refeitório, você passa por um cadete do terceiro ano, que vem na direção oposta. Um intendente (cadete pertencente ao Serviço de Intendência) - afirma o uniforme,

ou, mais especificamente o *acanto*, símbolo da Intendência (imagem 13, p.25). Um símbolo de **honestidade** e **probidade**, virtudes essenciais aos oficiais militares que, depois de formados, zelarão pela administração financeira, contabilidade e aquisição de equipamentos e suprimentos para todo o Exército.

Encontramos, no site do Exército Brasileiro[2], um pequeno texto que trata do uso desse símbolo de virtudes, que aqui transcrevemos parcialmente:

> *Originário da Grécia e da Itália, o acanto é uma planta espinhosa, de flores brilhantes, cujas folhas compridas, verdes e recortadas, são muito decorativas. Foram largamente utilizadas, como motivos arquitetônicos, em construções de templos e monumentos sacros. Por isso, com o tempo, a folha de acanto passou a ser associada à pureza e à honestidade.*
> *Consta que esse simbolismo permaneceu nas legiões guerreiras de Roma. Os magistrados nomeados para cuidar das finanças militares autenticavam documentos com um sinete que tinha as caracteristicas da folha do acanto. Na Ilíada, de Homero, também está registrado que, na guerra de Tróia, os reis incumbiam oficiais de alta patente pela guarda e gestão dos fundos destinados ao pagamento dos soldados e das demais despesas da campanha. Esses oficiais, nos acampamentos, utilizavam a folha de acanto – por ser grande, ornamental, e, sobretudo, porque amarelava com facilidade – para identificar suas barracas. Assim, em situações emergenciais, eles eram facilmente localizados.*
> *Finalmente, na França, para exercer a administração e controlar a ação dos chefes de exército, foram criados os intendentes; homens que prestavam contas diretamente ao rei. A nomeação destes, para fazer revistas nos regimentos formados, para verificar existência e quantidade de homens e equipamentos, era por escolha entre os nobres de honra ilibada e pureza comprovada. E a Intendência passou então a fazer parte do quadro do Exército no país, tendo o acanto como símbolo do caráter e perfeição moral dos que lidam com o dinheiro público.*
> *Em 1920, com a vinda da Missão Militar Francesa, foi criada a Intendência do Exército Brasileiro; que também ganhou como símbolo a folha de acanto.*

A tradição do acanto é passada de militares para militares.
Vencido o corredor, você chega ao refeitório.

CADETE, CONTEMPLAI VIRTUDES E GLÓRIA !

"Mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, compostas de práticas e comunicações simbólicas."
(HOBSBAWN, s.d. : p.14)

O refeitório ... ou, como preferem os cadetes, Salão do Rancho (imagem 04, p.15), pois a palavra rancho é usada para designar os refeitórios dos quartéis.

Trata-se, como você imediatamente percebe, de um salão realmente amplo, repleto de mesas circulares. Como chegou antes do horário de almoço dos cadetes, pode observá-lo quase vazio, à exceção dos taifeiros, que trabalham rápida e silenciosamente.

Se a palavra taifeiro causa-lhe estranheza, observe atentamente parte do trabalho dos mesmos, a partir do que lhe é visível: a arrumação das mesas, o contínuo fluxo de pratos, talheres e jarras, além de incomuns copos de porcelana. Copos de porcelana? É que chamá-los de canecas parece-me igualmente impróprio.

Olhe com atenção, e perceberá aspectos de uma intrincada divisão de tarefas. Distante, numa das extremidades, na verdade um pouco além dos limites físicos do salão, você percebe uma porta, de onde entram e saem. Além daqueles que você já pudera notar, vestidos com camisas amarelo-creme, você agora poderá ver alguns trajando branco. Outros, ainda, utilizam chapéu de cozinheiro. Taifeiros-Mor, de Primeira e de Segunda Classe, são, na nomenclatura do Exército, os *subalternos* responsáveis pelas mais diversas tarefas de organização e arrumação, donde o preparo e o servir refeições ocupa lugar especial.

E só então notamos um grupo de taifeiros saindo por uma das laterais do salão, munidos de pratos. Segui-los? Por que não?

Atravessando um agradável jardim, militarmente discreto, chegamos a um outro prédio. Mais precisamente, a um outro refeitório! Mais surpreendente: de dimensões aparentemente idênticas ao primeiro.

Cabe uma explicação: a AMAN, cujo Conjunto Principal foi construído ente 1938 e 1944, foi ampliada entre 1988 e 1990, tendo, como "eixo de simetria" da ampliação o segmento que vai da entrada principal ao refeitório. Esta reforma objetivou atender aos planos do Exército (hoje concretizados) de aumentar o corpo de cadetes em um terço (plano de remodelação do Exército conhecido como FT-90). (cf. CASTRO, 1990: p.9)

Esses salões possuem, no entanto, algumas características que os distinguem um do outro. Por essa razão, e pelo fato de que tais características próprias nos serão muito relevantes, proponho denominar o salão localizado na ampliação do Conjunto Principal de "novo salão" e, ao, digamos, "original", de "salão original".

Começamos pelo que têm em comum: ambos com pé direito imponente, ambos com dezenas e dezenas de mesas circulares, ambos com bandeiras hasteadas a partir de suas colunas internas.

Ao perguntar sobre as bandeiras, você é informado de que se tratam, em ambos os salões, das bandeiras dos chamados Regimentos Históricos do Exército Brasileiro, memórias de feitos virtuosos de homens valorosos.

Em todas as mesas, onze cadeiras. Teimosamente, percorrendo os dois refeitórios, você procura uma exceção. Nenhuma: onze, onze, onze ... onze.

Um taifeiro percebe seu movimento de incrédula contagem e de curiosa desconfiança. Aproxima-se com ar professoral, voz orgulhosa e proclama:

"No Exército não existe lugar para traidores!"

Perplexidade. Momentânea incompreensão. O taifeiro percebe, e completa:

"Judas! Com doze, Judas sentaria!"

Traição. Judas. Trair o Exército é ser Judas ... um turbilhão de pensamentos e imagens. Recordo-me então dos vitrais da Câmara do Guerreiro, e de Júpiter-Raio, ameaça divina: traição, insubordinação e desobediência, vícios supremos, absolutamente imperdoáveis no Exército, podem ser punidos com raio fulminante. Divindade grega, agora o Deus cristão - punição da alma, punição do corpo, punição dos vícios.

Nos salões em que comem os cadetes, virtuosos aprendizes do templo militar, traidores não têm lugar. Nesse local, coração do templo, centro de sua fortaleza, os cadetes estão, mais do que em qualquer lugar, rodeados pelas virtudes. Acima, alinhadas, nos dois salões, as bandeiras dos Regimentos Históricos, memórias das virtudes. Sentados, grupos de onze companheiros podem comer tranqüilamente, com honra ilibada, sabedores que são da honra de seus colegas. Seguros, isolados da podridão exterior do mundo terreno, mundo dos vícios. Preservados da traição.

Sendo o mundo exterior o mundo civil, seriam civis os vícios?

Antes de seu ingresso no Exército, o cadete era civil. Partilhava diuturnamente da atmosfera civil, inalando humores potencialmente danosos, ameaçadores até – problema muito atenuado se o ingressante é oriundo de família de tradições militares.

Vícios civis, no entanto, podem deixar marcas profundas. Combatê-los se torna um imperativo educacional e uma estratégia de formação – para a Corporação Militar (no caso, o Exército), verdadeira questão de sobrevivência. Garantir a formação do oficial virtuoso exige, quase como premissa, a **purificação**.

Quatro anos de purificação dos vícios e fortalecimento das virtudes – este é o cerne da formação dos oficiais do Exército Brasileiro.

A Academia se vale então da Educação Modelar: personagens exemplares, imagens das virtudes, são apresentados e reverenciados - personagens elevados pelas virtudes.

Acima, em uma parede do novo salão, repousam solenemente os valorosos. Virtudes e glórias supremas do Exército Brasileiro.

Um painel, imenso, encomendado pelo Exército, depois de aprovado um esboço. Seu autor, o coronel de Cavalaria Pedro Paulo Cantalice Estigarribia. Tela de linho cru, pintada a óleo, doze metros e quarenta e quatro centímetros de comprimento por dois metros e quatro centímetros de altura (imagem 42, p.37).

Moldura, cerca de trezentos quilos, em cedro-rosa, árvore sem ramificações, da família das meliáceas, própria para esculturas e embarcações, entalhada pelo artista plástico Oriovaldo Roos. No caso, escultura guardiã da tela da História do Exército Brasileiro.

Título da obra: Fiéis Soldados, nome vindouro de uma estrofe da Canção do Exército[3]

---

[3] **CANÇÃO DO EXÉRCITO**

Letra: Tenente Coronel Alberto Augusto Martins
Música: Teófilo de Magalhães

Nós somos da Pátria a guarda,
Fiéis soldados,
Por ela amados.
Nas cores de nossa farda
Rebrilha a glória,
Fulge a vitória.

Em nosso valor se encerra
Toda a esperança
Que um povo alcança.
Quando altiva for a Terra
Rebrilha a glória,
Fulge a vitória.

A paz queremos com fervor,
A guerra só nos causa dor.
Porém, se a Pátria amada

A tela, pintada entre 29 de março e 24 de outubro de 1996, datas próximas, portanto à comemoração do aniversário de 350 anos do Exército Brasileiro (19 de abril de 1998), possui exatamente 100 personagens humanos retratados, além de um sem número de personagens não humanos.

Uma narrativa em imagens da História do Exército, encomendada pelo Exército a um coronel do Exército. Uma narrativa colocada em um dos salões da AMAN, local de formação do quadro de oficiais do Exército. Ainda mais curiosamente, no salão tradicionalmente destinado aos alunos dos dois primeiros anos da Academia.

Jovens cadetes, recém saídos do mundo civil, que agora, em purificação, comem em grupos de onze, tendo acima a narrativa de virtudes e glória de seu Exército - nunca derrotado, nos diz sua História.

For um dia ultrajada
Lutaremos sem temor.

Como é sublime
Saber amar,
Com a alma adorar
A terra onde se nasce!
Amor febril
Pelo Brasil
No coração
Nosso que passe.

E quando a nação querida,
Frente ao inimigo,
Correr perigo,
Se dermos por ela a vida
Rebrilha a glória,
Fulge a vitória.

Assim ao Brasil faremos
Oferta igual
De amor filial.
E a ti, Pátria, salvaremos!
Rebrilha a glória,
Fulge a vitória.

A paz queremos com fervor,
A guerra só nos causa dor.
Porém, se a Pátria amada
For um dia ultrajada
Lutaremos sem temor.

Uma narrativa em cronologia. Uma imagem que é muitas. Imagem que vista globalmente não permite aos nossos olhos a focalização de suas múltiplas imagens. Um quadro feito para ser visto por partes, propositadamente. A moldura, em nossas imagens, foi substituída por uma "numeração-guia", retirada da legenda do Exército para o quadro, legenda presente no mezanino do salão, donde podemos ver, na parede oposta, o painel, em franca literalização da Educação Visual.

Rogo que não a tome por uma "numeração-prisão", mas como um fio-caminho da narrativa-labirinto, uma narrativa em três atos.

Antes do primeiro ato, uma insubordinação cronológica, é o que agora proponho: começar pelo "final", que é à direita, em "Fiéis Soldados".

À direita, Cadete da AMAN, (imagem 14, p.26), "síntese das virtudes militares" (são palavras do Exército), apresenta armas aos seus antepassados – é importante ressaltar, antepassados que não o são por laços meramente consangüíneos, por pertencentes à pátria brasileira, mas antepassados da Instituição - heróis, símbolos, tradições, marcos, monumentos, memórias, quer enquanto indivíduos valorosos, quer enquanto sujeitos coletivos, muitos dos quais personagens desconhecidos ou, quando muito, partes fugazes da História e das memórias civis brasileiras. São, entretanto, membros destacados do clã militar.

O Exército (Instituição no tempo presente), ao produzir e narrar sua História, confere aos seus personagens-memória uma aura de dignidade, honra e valor que transcende as fronteiras dos reais possíveis vividos, conhecidos ou imaginados pelos civis, tornando-os personagens fantásticos.

Primeiro Ato: Formação e Constituição da Pátria

A narração pode ter como início a porção mais à esquerda do quadro, à qual chamaremos "Guararapes", (imagem 15, p.27), em alusão à batalha de 19 de abril de 1648, primeira batalha dos Guararapes. Para o Exército, "berço da nacionalidade brasileira", bem como data de seu nascimento[4].

Nas vizinhanças do Recife, diz a tradição militar, um "Exército Patriota" - nas palavras do General Flamarion Barreto, em conferência proferida em 1966 (durante a "Semana da Pátria") - constituído por soldados "das três *raças* formadoras da nacionalidade brasileira", expulsa do solo pátrio o inimigo holandês, superior em

[4] daí porque se comemora o dia do Exército em 19 de abril.

contingente, organização e tecnologia bélica. Nasce o brasileiro e o Exército, bem como se reafirma o mito da "*pax racial*" tupiniquim. As três figuras em destaque, Henrique Dias, André Vidal de Negreiros e Felipe Camarão, patriarcas do Exército, respeitados, quase venerados, por liderarem os três terços (cada um de uma *raça*) que constituíram o Exército Patriota; são os maiores rostos de todo o quadro.

Uma batalha decisiva: mas se tão decisiva, porque é apenas a primeira batalha de Guararapes? Por que os terços eram separadamente constituídos?

Interrogo. Uma vez, duas.

O quadro ignora minhas perguntas. Vingativo, lança outras. Muitas outras. Não satisfeito, lança desafios.

"Decifra-me ou te devoro", diz o quadro. E continua:

"Decifra-me como intencionavam meus criadores". O escárnio é cortante.

"Desvele-se ou te ignorarei por completo", ameaço.

Um ego ferido, militar, mesmo que o de um quadro ameaçado, teme o esquecimento. Teme não ser perpetuado na memória – qualquer memória, de qualquer um.

Lentamente, fazendo-se difícil, querendo manter seus brios, o quadro cede. Ou, ao menos, parece ceder. Brechas, sinais, indícios. Imagens. Ao quadro novamente:

Depois de Guararapes, podemos ver uma representação das lutas pelo território brasileiro (imagem 16, p.28): a construção das fortalezas litorâneas e a expulsão dos invasores estrangeiros (franceses do Rio de Janeiro e espanhóis do Sul). No barco, a figura que se destaca é o personagem que representa o brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, o primeiro general nascido em território nacional.

A tela, sem maior detalhamento, trata também de batalhas contra os vizinhos platinos, como explicitam os uniformes (imagem 17, p.28). Considerando que o painel retrata todas as lutas externas brasileiras, imagino que essa imagem refira-se à Guerra Cisplatina (1825-1828). E aí, outro questionamento inevitável, agora dirigido à História do Exército Brasileiro: tendo o Uruguai se separado do território brasileiro, como sustentar a invencibilidade da Força Armada Terrestre?

Completando o primeiro terço do painel temos, em seus limites inferiores, a figura de Maria Quitéria de Jesus (imagem 18, p.28), única personagem feminina, retratada enquanto indivíduo, em toda a narrativa da História do Exército. Ironicamente, uma heroína que só foi possível por ser herói, por trajar-se em roupas masculinas, nominando-se Medeiros, ocultando sua feminilidade. Como portadora de virtudes militares, dentre elas o **sacrifício,** a **intrepidez** e a **bravura**, a "Voluntária da Independência", baiana-guerreira,

ascende à condição de personagem do quadro. Apresenta-se um ponto importante, do qual não tratarei longamente por não me considerar capaz de abordá-lo em profundidade: a memória-narrativa que tratamos no presente trabalho é uma memória masculina, feita por homens, para ser vista por cadetes homens. Apenas a Força Aérea Brasileira, dentre as três Forças Militares, e ainda assim com restrições, admite, em sua Academia, formar mulheres como oficiais militares *de linha*. Em países europeus e nos Estados Unidos, o quadro começa a modificar-se mais fortemente, não sem enfrentar enormes resistências internas e externas à Corporação Militar.

Atrás de Maria Quitéria, um Dragão (humano) da Guarda Imperial, arranca a fita com as cores da Corte dos Bragança. O Império evoca em sua guarda a figura mitológica de um animal que é símbolo do poder de guerra.

Na porção superior do quadro (imagem 19, p.29) vemos o prédio da Academia Real Militar (Casa do Trem). Vê-se o personagem Napion (Carlos Antônio Napion), químico, mineralogista e metarlugista, nascido, quando carne, em Turim, no ano do calendário ocidental cristão de 1756. Foi contratado por Portugal em 1800, tendo se tornado diretor de seu Arsenal de Guerra, em 1807. É considerado o primeiro comandante da Academia Real Militar (sucessora da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, a mais distante ancestral brasileira da AMAN), e implantador da Fábrica de Pólvora no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Faleceu em 1814, no Rio de Janeiro. Torna-se Patrono do Quadro de Material Bélico por um decreto de 12 de agosto de 1966.

Novamente, uma interrogação: segundo o coronel Cláudio Moreira Bento, em texto da Academia de História Militar Terrestre do Brasil sobre os Patronos das Forças Armadas[2] "se desconhece gravura ou pintura que represente o tenente-general Napion". Qual terá sido a imagem-inspiração do coronel Estigarribia para o personagem Napion do painel?

Napion-Patrono é um dos muitos Patronos do Exército Brasileiro – e esses, sem exceção, estão retratados no "Fiéis Soldados". O que representam esses personagens-patrono para o Exército? O que representam para os cadetes da AMAN?

Diz o coronel Cláudio Moreira Bento, citando Pedro Calmon:

> *"Patrono é o chefe integral de uma instituição – o seu modelo, a sua alma, a imagem maravilhosa do espírito que nela vibra, a síntese mágica de suas virtudes e de seus brios."* (BENTO, s.d: p.1).

E prossegue, com suas palavras:

> *"...é o seu oráculo e padrão em momentos difíceis, para autocríticas e correção de caminhos, ou na busca da solução mais adequada em determinada conjuntura. É além, na maioria das vezes, um soldado ou patriota destacado que sublimou ou praticou em alto grau as Virtudes Militares de Bravura, Coragem, Abnegação, Devotamento, Honra Militar, Solidariedade e Camaradagem, entre outras."* (BENTO, s.d: p.1).

A Prudência é a virtude que se faz mister em todos os Patronos, personagens virtuosos (e por isso, modelares) do Exército, que são lembrança, reflexão e ação.

Abaixo de Napion e à direita de Quitéria, encontramos a "Epopéia de Dourados" (imagem 20, p.19). Àqueles que, como nós, desconheciam a existência de alguma Epopéia em nossa História, cabe registrar aquilo que na História do Exército, é a "Epopéia de Dourados": a resistência e morte do tenente Antônio João Ribeiro, com 15 outros brasileiros, em dezembro de 1864, ao defenderem bravamente nosso território de uma incursão de 3 ou 4 centenas de paraguaios.

Pelo seu ato heróico e significância dessa escaramuça de fronteira (ou "Epopéia", conforme o Exército), o personagem Antônio João Ribeiro tornou-se patrono do Quadro Auxiliar de Oficiais, conforme o Decreto 85.091, de 24 de agosto de 1980 (cf. BENTO, s.d: p.11).

SEGUNDO ATO: A HERÓICA CONSOLIDAÇÃO DA PÁTRIA

Entramos nos domínios centrais do painel, locus habitado por destacadíssimos personagens, reino dos virtuosos trajados em azul-marinho. Como que um intróito, os combatentes da Campanha de 1851-2 (imagem 21, p.29) – Artilharia, Cavalaria, Infantaria que travaram batalhas contra suas contrapartes (e a narrativa não dá voz às contrapartes, em momento algum), enviadas por Oribe e por Rosas.

Feito o intróito, seguem, solenes, os maiores heróis da História do Exército Brasileiro: os Heróis da Guerra da Tríplice Aliança (que é conhecida no meio civil como a Guerra do Paraguai).

Não é objetivo do presente trabalho discutir as diversas manifestações do mito do herói. É oportuno, entretanto, tecer breves considerações que, ao menos, introduzam uma possível reflexão sobre a tríade **herói-virtudes-patrono**.

---

[5]disponível em http://www.militar.com.br/patronos/celbento/patronos.htm

Como tão bem sintetiza Campbell, heróis são aqueles que realizam proezas (feitos impossíveis ao homem comum) físicas e/ou espirituais. Os heróis do Exército, portadores de virtudes, tornam-se destacados, e por isso, patronos. O que é digno de nota é ressaltar que provavelmente nenhum herói pode figurar como "herói universal", visto que, para fazer-se herói, enfrentou perigos e inimigos – inimigos estes que foram derrotados ou, ao menos, seriamente atingidos – e que evidentemente nunca cultuariam seu algoz. Daí porque o herói de um povo ou de uma corporação, com todas as suas virtudes, pode ser o monstro ou o carniceiro de outro povo, ou de outra corporação.

Retornemos ao centro do painel. De pronto, um desfilar de Patronos (imagem 22, p.30): Vilagran Cabrita, Emílio Mallet e Sampaio, entre infantes e voluntários da Pátria.

Brigadeiro Sampaio (que durante a Guerra do Paraguai ocupava o posto de oficial general), Patrono da Infantaria, se torna personagem recoberto de glória no dia 14 de maio de 1866, quando da Batalha de Tuití. Reza a tradição militar terrestre que na resistência ao inimigo, os quatro cavalos que montara tombaram

> *"por perfurações de balas e baionetas inimigas [além] de sua heróica Divisão haver concorrido com 33% das baixas brasileiras neste dia, por haver se constituído em ponto-chave da defesa"* (BENTO, s.d: pp.3-4).

Sua morte, em 6 de julho de 1866, conta o Exército, foi decorrência dos três ferimentos recebidos na Batalha de Tuití.

Vilagran Cabrita torna-se Patrono da Arma de Engenharia (Decreto 51.429 de 13 de março de 1962) por

> *"liderar o vitorioso combate de consolidação da conquista da Ilha de Redenção, no rio Paraná, defronte do forte inimigo de Itapiru [...] ação diversionária, para permitir o desembarque aliado em Passo da Pátria, 6 dias após, o que caracterizou a invasão do Paraguai"* (BENTO, s.d: p.6).

Em uma analogia, trata-se de ter possibilitado o Dia D do Exército Brasileiro.

Após ter, com os seus, "vencido" o combate, Cabrita foi atingido por estilhaço de obus disparado do forte de Itapiru, vindo por isso a falecer.

> *"ignora-se o destino de seus restos mortais"* (BENTO, s.d: p.6).

Emílio Mallet, francês, comandava a Artilharia a cavalo na Guerra do Paraguai. Segundo Osório "nenhum oficial do Exército prestou mais assinalados serviços, do que o valente comandante da nossa Artilharia". Uma observação: por não ser brasileiro nato e não possuir ferimento ocorrido em ação, Mallet foi demitido do Exército em 1831; só pode retornar 20 anos mais tarde, na Guerra contra Oribe e Rosas.

Note que, propositadamente, não indiquei Cabrita, Mallet ou Sampaio individualmente, revelando qual imagem é qual personagem, segundo concebeu Estigarribia. Pergunto, em um convite à reflexão: Faria diferença?

Osório e Caxias, personagens centrais do painel (imagens 23 e 24, p.30), são as duas figuras de maior destaque na versão brasileira (do Exército) da Guerra do Paraguai.

Caxias, Patrono do Exército Brasileiro, é verdadeiramente cultuado, um culto que transcende às Armas ("especializações" do Exército). Ao procurar conhecer melhor esse personagem, procurava compreender o que o torna a figura central da História do Exército. Em uma Instituição tão meritocrática quanto é o Exército, uma interrogação é freqüentemente respondida como justificativa, sendo, no caso, alicerçada em "dados históricos", expressão que, no contexto donde utilizada, ganha por sinonímia "verdade absoluta".

Caxias venceu todas as seis campanhas que participou[6] Balaiada (Maranhão, 1841); levantes em São Paulo e em Minas Gerais (1842); Farroupilha (1842-45); Guerras contra Oribe e Rosas (1851-2) e, finalmente, a Guerra do Paraguai (1866-9).

Foi também Ministro da Guerra, nos seguintes períodos: 1855-8, 1861-2 e 1875-8, tendo sido, nos dois últimos períodos, Presidente do Conselho de Ministros do Império.

Vê-se, portanto, um personagem com grande capacidade de articulação política, tendo ocupado o cargo de Ministro da Guerra em três ocasiões distintas, quando não havia guerra alguma.

Seus restos mortais, bem como os de sua esposa, estão depositados no "Pantheon" situado defronte ao Palácio de Caxias, na cidade do Rio de Janeiro."Privilégio" disputado.

Osório, comandante geral das forças aliadas na Batalha de Tuití, aquela que no Exército sempre recebe como aposto "a maior batalha campal da América do Sul", é figura quase sempre mencionada por sua liderança e pela camaradagem com suas tropas.

Note que Osório, Patrono da Cavalaria, está, no painel feito pelo coronel de Cavalaria Estigarribia, pintado acima de Caxias. Certamente, privilégio consentido, pois o esboço foi aprovado pelo Exército.

Um pouco à direita, (imagem 25, p.31) o General Serveriano Deodoro, Patrono do Serviço de Saúde, irmão daquele que viria a ser o Marechal Deodoro da Fonseca e o coronel Moniz Aragão, Patrono do Serviço de Veterinária, suporte fundamental à Cavalaria. Próximo, o Marechal Bittencourt, (imagem 26, p.31), Patrono do Serviço de Intendência.

Bittencourt é considerado o personagem-chave da Guerra de Canudos (Expedição a Canudos, nomeia o Exército) - a quarta (e última) tentativa de tomar Canudos só teria sido bem sucedida, diz a História do Exército, pelo adequado preparo e cuidado com a logística, a cargo de Bittencourt, que também lutou na Guerra do Paraguai.

Bittencourt morre ao proteger Prudente de Morais, em 1887, do anspeçada Marcelino Bispo, que lhe desfere quatro punhaladas.

A representação da proclamação da República por Deodoro (imagem 28, p.y) é bastante conhecida. Curioso é fazer um contraponto com a representação da Independência no painel, em que Dom Pedro I é completamente ignorado. Não há qualquer menção ao Imperador Dom Pedro II, igualmente. Não há menção a presidentes, ou governadores-gerais, ou a qualquer civil, à exceção de dois, que trataremos mais adiante. Uma História intracorporação, mas que se considera História do Brasil.

TERCEIRO ATO: O SÉCULO XX

O painel perde muito de sua intensidade, talvez pelo Exército considerar que, no Século Vinte, existam poucas glórias em sua História. As cores quentes são abandonadas a partir da Guerra do Paraguai. Não haverá motivo para utilizar, no Século Vinte, o vermelho-sangue?

Trompowsky (imagem 28, p.32), Patrono do Magistério Militar, lecionou por 30 anos cálculo integral e diferencial no Colégio Militar e na Escola Militar (RJ). Foi assistente de Rui Barbosa na Conferência de Haia e adido militar (Inglaterra, Itália e Suécia).

A imagem de um avião (imagem 29, p.32), sem quaisquer detalhes mais evidentes, causou-me enorme constrangimento. Não tinha a menor idéia de seu significado – pela cronologia da narrativa e pelo design do avião, só podia afirmar tratar-se de um modelo dos anos de 1910-20, primórdios da aviação. Sem o auxílio de informações do Exército e da Aeronáutica, jamais poderia fazer referência a um certo Capitão Kirk (um Kirk anônimo), que, quando tenente, obteve o primeiro "brevet" militar brasileiro, em 22 de

outubro de 1912, na École d´Aviation dÉtampes, França. A imagem, entretanto, dá muito mais destaque à nova tecnologia adquirida que ao personagem Kirk.

O Século XX é o século da *techné*. Glórias mecânicas e metodológicas substituirão, em nossa narrativa, os atos virtuosos do guerreiro. O guerreiro do "vintecento", para se tornar virtuoso, deve dominar a techné.

Como observação, Kirk falece em primeiro de março de 1915, vitimado por acidente aéreo. Em 1943, seus restos são transferidos para o "Mausoléu dos Aviadores", no cemitério São João Batista, Rio de Janeiro.

Nas imagens seguintes (imagem 30, p.32 e imagem 31, p.33), Olavo Bilac, defensor da implantação do Serviço Militar, e os "voluntários de manobras", forma primeira do Serviço Militar implantado. Bilac, exceção civil, ampliou, enquanto carne, o espectro de ação e recrutamento social dos militares.

A chamada Missão Indígena (imagem 32, p.33) refere-se ao grupo de militares brasileiros formados na Alemanha, apontados como aqueles que profissionalizaram o Ensino Militar no Brasil. Por motivo análogo, mas de abrangência ainda mais profunda, foi a Missão Militar Francesa (1920-40), (imagem 33, p.33), período de enorme intercâmbio entre as Forças, a partir do qual o Exército Brasileiro assume forma, estrutura e modos *vivendi e operandi* muito semelhantes aos atuais, enquanto concepção.

Rondon, Patrono das Comunicações, (imagem 34, p.34), recebe tal homenagem (Decreto 51.560, de 1962) por ter liderado a instalação de 8 mil kilômetros de linhas telegráficas no país. É considerado, também ,um desbravador de fronteiras, em especial no que se refere à Região Amazônica – inquestionavelmente, o pólo central das operações e preocupações do Exército de hoje.

Estamos chegando à etapa final de nossa trajetória por essa curiosa narrativa. Em destaque (imagem 35, p.34), o então coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque observa os esboços do projeto da AMAN, apresentados pelo arquiteto Raul Pena Firme, o outro personagem civil do quadro, um civil servil. Abaixo, vista da AMAN, uma imagem fantástica, aqui já construída, com a ampliação de 1988-90. O brasão da AMAN, concebido pelo capitão Mário Travassos e desenhado por José Wasth Rodrigues, ligação entre os planos esboçados e a construção.

Muito próximo, aquilo que é considerado o maior feito do Exército no século XX: a participação das Forças Expedicionárias Brasileiras na Segunda Guerra Mundial (imagem 36, p.34). As batalhas em solo e ar italianos são sempre rememoradas, e os veteranos

sobreviventes são sempre requisitados para palestras com os cadetes das três forças, em especial da Aeronáutica.

Mais adiante, o Marechal Mascarenhas de Morais e Frei Orlando, da Ordem dos Franciscanos, morto na Itália, Patrono do Serviço Religioso (imagem 37, p.35) .

Finalmente , quatro imagens que evocam inovações recentes do Exército Brasileiro (vide pp. 35 e 36): pára-quedismo e aviação militar (imagem 38), o Corpo Feminino do Exército, bem como a presença de mulheres nos colégios militares (imagem 39), as missões no exterior, com ênfase nos Capacetes Azuis [missões de "paz"] da ONU (imagem 40) e equipamentos inovadores (imagem 41), destacando o tanque Osório, cuja produção foi interrompida.

UNICAMP BIBLIOTECA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A FORÇA DE NOSSA FORÇA. Brasília-DF: Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEX), s.d., 32p.

A FORÇA DE NOSSA FORÇA. Brasília-DF: Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEX), s.d., 34p.

ALMEIDA, Milton José de. *Cinema Arte da Memória*. Campinas-SP: Autores Associados, 1999, 150p.

_____, Milton José de. "Aproximações em forma escrita sobre as imagens da pintura e do cinema" In ZAMBONI, E et MIGUEL, A. (orgs.) *Representações do Espaço*. Campinas-SP: Autores Associados, 1996, pp. 17-30.

AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras. Rio de Janeiro-RJ: Action Editora, 1997, 144p.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo-SP: Palas Athena, 1998, 176p.

_____, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo-SP: Cultrix, 1988.

_____, Joseph. *A Imagem Mítica*. Campinas-SP: Papirus, 1994.

CASTRO, Celso. *O Espírito Militar – Um Estudo de Antropologia Social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 1990, 176p.

COMTE-SPONVILLE, Andre. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1995.

ENCICLOPEDIA DEI SIMBOLI. Milano, Itália: Gazanti, 1991.

EXÉRCITO 350 ANOS DE GLÓRIA. Projeto Gráfico e Impressão: EGGCF (folheto, 6 partes).

GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1978.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo-SP: Perspectiva, 2001, 312p.

HOBSBAWN, Eric et RANGER, Terance (orgs.). *A Invenção das Tradições*. São Paulo-SP: Paz e Terra, s.d.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo-SP: Cultrix, 2000, 273p.

PEREGRINO, Umberto. *História e Projeção das Instituições Culturais do Exército*. Rio de Janeiro-RJ: José Olympio, 1967.

QUARTIM DE MORAES, A. P. Caxias. São Paulo-SP: Três, 1974, 249p. (coleção Biblioteca de História, v.16)

SCHIRMER, Pedro (coronel). Das Virtudes Militares. Rio de Janeiro-RJ: Biblioteca do Exército, 1987, 112p.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

http://www.aman.ensino.eb.br/aman/

http://www.espcex.unicamp.br

http://www.exercito.gov.br

http://www.resenet.com.br/ahimtb/

http://www.usma.edu

CRÉDITOS DAS IMAGENS

As imagens do trabalho foram retiradas dos sites do Exército Brasileiro e da Academia Militar das Agulhas Negras